

Pablo Vittar e Gloria Groove: ativismo, performance e popularização das cantoras *drags* no Brasil¹

Brenda Pinto de MEDEIROS²
Isabelle Gomes da Silva LEITE³
Luana INOCÊNCIO⁴

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro

RESUMO

O presente artigo propõe-se a articular um debate sobre a cultura *drag* no Brasil, especificamente o crescimento e popularização de cantoras *drag queens* na cultura pop. Abordamos um breve histórico sobre a expressão *drag* e a separação da pessoa com seu personagem, partimos para uma contextualização histórica da arte *drag* no Brasil e, por fim, seguimos para a análise da presença *drag* em conteúdos midiáticos massivos nos últimos anos. A metodologia com abordagem exploratória foi aplicada na pesquisa, a partir de dados qualiquantitativos coletados no *Google Trends* e nos perfis das cantoras nas plataformas de *streaming* e sites de redes sociais. Percebemos que há um esforço midiático direcionado a essas artistas, engatilhado pelos movimentos LGBTQ+ e pelo público jovem, em expor novos artistas e interagir didaticamente com audiências plurais.

PALAVRAS-CHAVE: *drag queen*; música; ativismo; Pablo Vittar; Gloria Groove.

INTRODUÇÃO

O artigo se propõe a analisar a cultura *drag* no Brasil e os seus avanços no contexto midiático. Porém, antes disso, é preciso compreender o que significa *drag queen* e como esse conceito surgiu e foi se transformando ao longo do tempo. Não se sabe a origem correta do termo, o que temos são duas vertentes mais fortes baseadas no contexto histórico. A vertente mais aceita diz que, nos primórdios do teatro, homens se vestiam como mulheres para interpretar personagens, já que mulheres cis eram proibidas de seguir a carreira artística, acredita-se que *drag* seria um termo incorporado por Shakespeare em suas peças (PINHONI; REGADAS; LIMA, 2017), uma abreviação para “*dressed as a girl*” ou “*dressed as girl*” (“vestido como uma garota”, em português). Por outro lado,

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social da UFF, e-mail: brendamcontato@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social da UFF, e-mail: gomesisabelle@id.uff.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal Fluminense. E-mail: luanahinocencio@hotmail.com.

alguns defendem que a origem está no verbo em inglês “*to drag*”, que significa arrastar e faz referências aos longos vestidos e saias que eram usados.

Com isto pontuado, podemos seguir para a análise do artigo: o crescimento e popularização das cantoras *drags* no Brasil, explorando os maiores nomes de sucesso atuais: Pablllo Vittar e Gloria Groove. A partir disso, observamos, como a internet e outros produtos midiáticos influenciaram nessa popularização.

ARTE E EXPRESSÃO *FEAT.* CORPO E ORIENTAÇÃO

Nos anos 1990, expressões artísticas semelhantes ao que temos hoje já eram de conhecimento popular no Brasil, mas o termo *drag queen* não era tão difundido. As performances se concentravam em boates e os artistas eram reconhecidos como travestis ou transformistas (FONSECA, 2019, p. 50). Na TV, havia um espaço pequeno e específico para essas pessoas, que se dividiam entre programas de humor e *talk shows* noturnos.

Diante desse cenário, formou-se o imaginário popular. Sem muitas alegorias, de forma discreta, moldada para a crítica e mantendo o nível cômico, antiquado e, muitas vezes, misógino. Quando novos níveis de performance, produção, ativismo e referências LGBTQ+ entraram nesse espaço não houve uma desconstrução do velho imaginário, mas uma perpetuação de preconceitos e o despertar de novos julgamentos.

Tornou-se comum, mesmo com a falta de conexões, presenciar uma forte dificuldade de dissociar a expressividade do artista com a sua vida pessoal. Porque era dessa maneira que estávamos habituados, nunca houve uma separação. Nany People⁵ era assim, Rogeria⁶ era assim, Paulette Pink⁷ era assim, Leo Áquilla⁸ era assim e ainda cabem aqui inúmeros nomes, de menor ou maior sucesso, que também eram assim.

⁵ Nany People ficou conhecida por participar do programa da Hebe, entre 2001 e 2006. É atriz, humorista e apresentadora. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Nany_People&oldid=54787634>. Acesso em: 12 abril 2019.

⁶ Rogeria trabalhou como maquiadora e posteriormente atriz e transformista. Participou de inúmeros programas de auditório no papel de jurada. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rog%C3%A9ria&oldid=53851931>>. Acesso em: 12 abril 2019.

⁷ Paulette Pink começou sua carreira com uma campanha de cartazes de borracharia estilo pin-up em 1991. É conhecida mundialmente por ser uma imitadora da cantora Cher. Disponível em: <<https://www.paulettpink.com/bio/>>. Acesso em: 12 abril 2019.

⁸ Leo Áquilla é jornalista, já trabalhou em diversos rádios e como repórter em programas de TV. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Leonora_%C3%81quilla&oldid=54627022>. Acesso em: 12 abril 2019.

Ainda diante da ascensão de novos nomes e a consequente expansão do termo *drag queen* pelo país, a mentalidade da população não mudou. Veículos de mídia, por exemplo, perpetuam o equívoco de que *drags* são pessoas trans ou travestis, quando na verdade o ato de se vestir “como mulher” não pode ser vinculado ao gênero com o qual o artista se identifica. Dois dos inúmeros exemplos desse tipo de desinformação estão em uma matéria sobre Pablio Vittar, da Veja, cujo título diz: “A ascensão do pop trans de Pablio Vittar” e uma “pegadinha” do programa do Silvio Santos, onde uma *drag* era constantemente referida como travesti.

[...] a *drag queen* pode ser entendida como parte do constructo social de determinados corpos queers, uma forma de expressão que não possui necessariamente relação com questões de sexualidade e identidade de gênero (INOCÊNCIO; MORAES, 2018, p.4)

Concluindo, nada do que vemos de forma expressivamente artística pode ser submetida a um julgamento. Ainda que *drags* sejam simbolismos do ativismo LGBTQ+, pela história de luta contra perseguição aos ambientes frequentados pela comunidade, não podemos colocá-las no mesmo senso de orientação sexual ou identidade de gênero.

DRAG NO BRASIL: UMA HISTÓRIA

Se fora do país atribuímos o nascimento da cultura *drag* dentro das representações teatrais, no Brasil vemos o mesmo. Os jesuítas interpretavam os papéis femininos em seus autos; em 1780, a rainha Maria I, promulgou a lei que proibia mulheres de subirem aos palcos, mais uma vez reforçando a atuação de homens em papéis femininos (FONSECA, p. 27).

Porém, nos séculos seguintes, vestir-se como mulher tornou-se um símbolo de perda da masculinidade. Homens que o faziam começaram a ser vistos como uma piada e associados ao gênero feminino, não mais ao masculino. Portanto, trajar-se como mulher na teatralidade passou a ser usado em momentos específicos, especialmente para efeito cômico.

Desse modo, a comunidade *drag* brasileira começou a ter cara e lugar, entre os anos 1970 e 1990. Durante os anos 1970, em vista da ditadura militar, a comunidade LGBTQ+ - a qual a maior parte dos artistas *drag* faz parte - sofreu repressões duras.

Embora houvesse se tornado popular a existência de bares voltados à população LGBTQ+, ser considerado com trejeitos femininos ou usando roupas que não foram *projetadas* para seu gênero resultava em cadeia. Os maiores alvos dessas prisões eram transsexuais e travestis. Ainda que sofressem muitas represálias, a arte *drag* prosperou na época com shows de transformistas como aponta Dornelas (2018):

No Brasil, os precursores da arte *drag* surgiram nos anos 70 com as transformistas, artistas que usavam maiôs e vestidos em shows de dança. Assim, com seus visuais andróginos e contestadores, elas transformaram sua época, quebrando regras de gênero.

Celebridades reconhecidas até hoje, como Ney Matogrosso, estimulavam espetáculos andrógenos e utilizavam roupas e acessórios tidos como femininos.

Figura 1 – Imagem do cantor Ney Matogrosso.



Fonte: < <http://bit.ly/2IDsNZi> >. Acesso em: 12 abr. 2019.

Nos anos 1990, ocorreu a verdadeira instauração da arte *drag* no Brasil. Influenciadas por filmes como “Priscilla, a Rainha do Deserto”, nomes como Paulette

Pink, Márcia Pantera⁹, Isabelita dos Patins¹⁰, Kaká di Polly¹¹, Verônika¹², Silvetty Montilla¹³, entre outros, ganharam destaques nas noites de Rio e São Paulo. Em 1992, houve a primeira reunião de *drags* brasileiras numa festa, a "Nossa Senhora do *Make Up é Drag*", no clube Sra. Kravitz, em São Paulo (JOORY, 1995).

A maioria das *drags* do período ficou nacionalmente famosa através de aparições na TV. Por exemplo, Paulette foi jurada do Gugu e participou do Domingão do Faustão e Isabelita dos Patins teve sua foto com o presidente da República à época, FHC, circulando em todos os lugares. O povo brasileiro começou a conhecer de fato a arte *drag*, porém, como citado no tópico anterior, não havia uma dissociação da imagem da personagem com a pessoa que a personificava.

Atualmente, a *drag queen* não só é reconhecida como aclamada, tornou-se *mainstream*, e ao contrário de suas precursoras, as artistas atuais não só dublam, como era de costume, como também cantam. A *drag* que mais faz sucesso nos dias de hoje é Pablio Vittar - quebrou um recorde ao se tornar a *drag queen* mais seguida do *Instagram*, tirando o posto de RuPaul -, que possui atualmente um total de 19 músicas originais no serviço de *streaming Spotify*. Além dela, destacam-se também Gloria Groove, que marca presença na cena rap paulista, Aretuza Lovi¹⁴ que canta pop, Lia Clark¹⁵ contribui para o funk. Abordaremos mais sobre a presença delas na mídia no próximo tópico.

⁹ Márcia Pantera se apresentou pela primeira vez com 17 anos em São Paulo. Foi uma das musas de Alexandre Herchcovitch. Ganhou concursos, fez shows e criou a técnica do bate-cabelo. Foi também a primeira drag a viajar o Brasil com seus shows. Disponível em: <<https://tseles.wordpress.com/2017/10/23/marcia-pantera-entrevista/>>. Acesso em: 12 abril 2019.

¹⁰ Isabelita dos Patins nasceu na Argentina, mas se radicou no Rio de Janeiro. Ficou conhecida nacionalmente por suas participações em diversos programas televisivos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Isabelita_dos_Patins&oldid=54175950>. Acesso em: 12 abril 2019.

¹¹ Kaká di Polly é conhecida por ajudar a acontecer a Parada SP, primeira edição da parada LGBT de São Paulo, em 1997. Disponível em: <<http://www.kakadipolly.com.br/p/inicio.html>>. Acesso em: 12 abril 2019.

¹² Verônika foi um dos grandes nomes da noite paulistana. Começou a carreira na boate Nostromundo em 1992. Foi eleita por 3 vezes consecutivas como a melhor drag da noite paulistana pelo público. Pioneira ao inovar nos trajes e maquiagens drag. Disponível em: <<https://acapa.com.br/faleceu-a-drag-veronika-noite-gay-fica-orfa>>. Acesso em: 12 abril 2019.

¹³ Silvetty Montilla participou de peças teatrais, fez participações em programas televisivos e também se apresentou nas boates paulistanas. Atualmente está à frente do reality-show Academia de Drags transmitido no Youtube. Participou, também, de diversos cursos de Miss. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Silvetty_Montilla&oldid=54163259>. Acesso em: 12 abril 2019.

¹⁴ Aretuza Lovi é uma cantora, compositora, comediantes e drag queen brasileira. Começou a carreira com uma brincadeira em 2012 e no mesmo ano já lançou um hit e um clipe de outro single. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Aretuza_Lovi&oldid=54661061>. Acesso em: 12 abril 2019.

¹⁵ Lia Clark é uma cantora, compositora e drag queen brasileira. É considerada a primeira drag queen no meio funk, e ficou conhecida através da música "Trava Trava" em 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Lia_Clark&oldid=54763768>. Acesso em: 12 abril 2019.

DRAG NA MÍDIA

Ao falar da popularização das *drag queens*, não podemos deixar de mencionar o famoso *reality show* estadunidense: *RuPaul's Drag Race*. Idealizado e apresentado por uma das *drags* mais consagradas do mundo, RuPaul, o programa foi lançado em 2009 pela Logo TV. O sucesso da série é tão grande que no ano anterior, em sua décima temporada, o programa quebrou mais uma vez seu recorde de audiência, com uma média de 1,2 milhão de espectadores (MUNIZ, 2018). Além disso, a série conta com diversos *spin-offs*¹⁶: *RuPaul's Drag Race: All Stars*¹⁷ (4 temporadas), *RuPaul's Drag Race: Untucked*¹⁸ (11 temporadas) e *RuPaul's Drag Race Holi-slay Spectacular* (especial de Natal, 2018).

O valor de *RuPaul's Drag Race* foi trazer o mundo *drag* para o cotidiano. Vemos memes todos os dias, há *reviews*¹⁹ em diversos sites sobre séries, muitos artistas de renome já fizeram participações especiais no programa, como Lady Gaga, Adam Lambert, Khloé Kardashian, entre outros. Várias participantes do programa foram lançadas para o estrelato após suas participações. Muitas “RuGirls” inclusive já estiverem em turnê pelo Brasil, como Adore Delano; a turnê *Werq the World* - contava com Detox Icunt, Violet Chachki, Kim Chi -, entre outras. O programa não só influenciou a existência e performance de muitas *drags* brasileiras, como Pablló Vittar e Gloria Groove, mas influenciou a maneira do brasileiro consumir produtos *drag*.

Em 2016, o programa de auditório da rede Globo, *Amor & Sexo* trouxe para a banda da casa Pablló Vittar como vocalista, além de contar com a presença de outras *drags* no quadro Bishow. Este trazia homens héteros que nunca se montaram, para se

¹⁶ Nos meios de comunicação, obra derivada ou história derivada (em inglês: spin-off) é um programa de rádio, programa de televisão, videogame ou qualquer obra narrativa criada por derivagem, isto é, foi originada a partir de uma ou mais obras já existentes. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hist%C3%B3ria_derivada&oldid=54843502>. Acesso em: 12 abril 2019.

¹⁷ Programa derivado de *RuPaul's Drag Race* que traz ex-participantes do programa original numa nova disputa.

¹⁸ Outro programa derivado de *RuPaul's Drag Race* que traz cenas deletadas e bastidores do programa original.

¹⁹ Tecnicamente, review é uma análise crítica de projeto, processo, contrato, requisito ou qualquer outro elemento que possa ser alvo de uma avaliação técnica. Disponível em: <<https://www.tracto.com.br/o-que-e-review>>. Acesso em: 12 abril 2019.

tornarem *drags* com a ajuda de Gloria Groove, Aretuza Lovi, Sarah Mitch²⁰ e a consultora, Lorelay Fox²¹, relembrando um episódio clássico de todas as temporadas de *Drag Race* em que as participantes devem fazer o mesmo.

Figura 2 - Drag queens no programa Amor & Sexo.



Fonte: < <http://bit.ly/2IFscGk> >. Acesso em: 12 abril 2019.

O quadro fez sucesso e aproximou a cultura *drag* do público. Com a enorme visibilidade direcionada para as artistas participantes, Pablllo deixou o programa para se lançar como cantora e gravar seu primeiro disco, Gloria e Aretuza seguiram seus passos e também gravaram discos entre 2016 e 2017. Pablllo foi quem mais caiu no gosto popular, suas músicas foram destaque nos serviços de *streaming* e os hits “Nêga” e “Todo Dia” foram as mais tocadas no carnaval de 2017. No mesmo ano, ela participou de um *single*, “Sua Cara”²² com a cantora Anitta e Major Lazer, grupo de música eletrônica internacional. E agora em 2019, Pablllo foi convidada para participar do Coachella, grande festival de música na Califórnia (EUA), ao lado de Major Lazer, Sofi Tukker e Charli XCX

²⁰ Sarah Mitch é uma *drag queen* cuiabana e se monta há 18 anos. Lançou seu primeiro single em 2013. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/drag-queen-sarah-mitch-lanca-novo-album-chacoalhada-em-cuiaba.ghtml>>. Acesso em: 12 abril 2019.

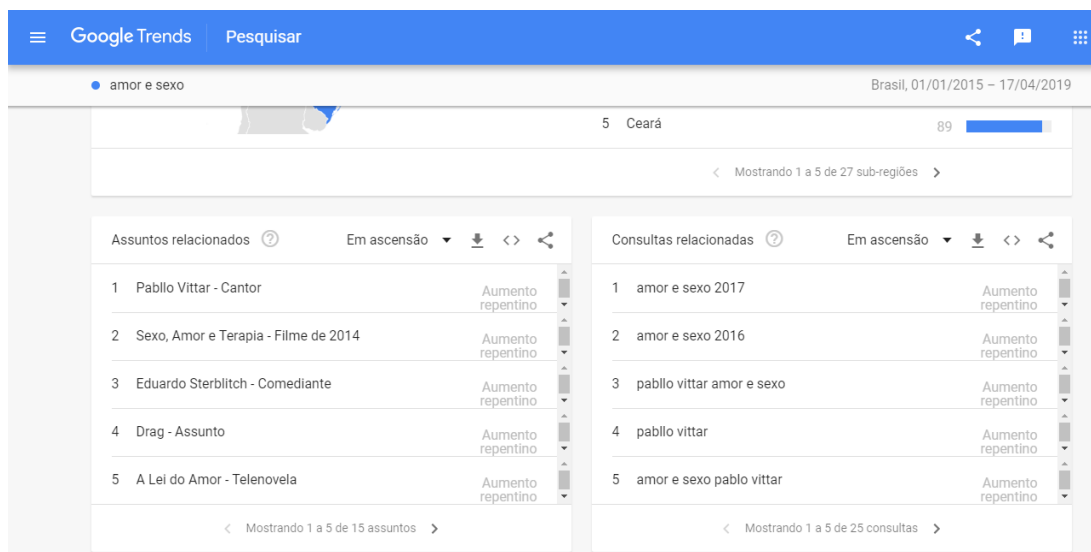
²¹ Lorelay Fox começou a se montar há mais de 13 anos em Sorocaba. Em 2015 criou seu famoso canal no Youtube, “Para Tudo”. Atualmente tem um programa de maquiagem no GNT e é jurada do reality Corrida das Blogueiras, do Diva Depressão. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/12/02/lorelay-fox-da-vida-de-drag-queen-no-interior-aos-500-mil-seguidores-no-youtube_a_23596336/>. Acesso em: 12 abril 2019.

²² Major Lazer, Anitta e Pablllo Vittar – Sua Cara. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=omzk3klIy0E>>

Pablo só cresce, já alcançou a fama além Brasil, indicada e contemplada em diversas premiações, se tornou uma referência na música pop brasileira. Enquanto isso, Gloria Groove vem crescendo mais lentamente com músicas mais políticas e um estilo pop/hip hop. A cantora que tem como principal referência sua mãe, Gina Garcia, *backing vocal* do grupo Raça Negra, fez parte do Balão Mágico em 2002 e participou do Programa do Raul Gil em 2006. Agora em 2019, ela foi escolhida para ser a voz do personagem Aladim, no novo *live-action* da Disney.

O sucesso vindo de *Amor & Sexo*, definitivamente contribuiu para a ascensão das *drags* junto a internet. De acordo com o Google Trends, a procura do termo *drag queen* na plataforma teve um aumento repentino durante a exibição do quadro. O programa teve um papel chave em popularizar a cultura *drag* no Brasil no grande público, devido a ser um programa de um canal aberto e de grande renome, a Globo.

Figura 3 - Ascensão da pesquisa do termo “drag” na web vista pelo Google Trends.



Fonte: < <http://bit.ly/2IDvcDi> >. Acesso em: 12 abril 2019.

O programa *Amor & Sexo* proporcionou o salto que as *drag queens* precisavam para fazer sucesso e a internet, em conjunto com a cultura de participação, isto é “sistema no qual não há mais a distinção entre consumidores e produtores de conteúdo que caracterizou os meios de comunicação de massa do século XX” (SHIRKY, 2011 apud ROCHA, 2018, p. 213), só potencializou isso. O primeiro passo para o reconhecimento mundial de Pablo, aconteceu através do sucesso de seu clipe “Open Bar”, uma releitura de “Lean On”, do Major Lazer; Gloria teve uma trajetória semelhante com o lançamento

de “Dona”. Pablo lançou-se como artista independente e apenas em 2017 depois de todo o sucesso que fez na web, assinou contrato com a Sony Music.

A partir disso, a cultura *drag* tornou-se um produto rentável e conhecido no mercado. Além de ganhar grande reconhecimento no país, aparecendo em programas, lançando músicas, fazendo shows, participando de carnavais, o *drag* como produto começou a fazer parte de outros produtos midiáticos. Séries televisivas como *SuperDrags*²³ e *Drag Me As a Queen*²⁴ foram lançadas. Pablo virou meme, cantou internacionalmente, lançou seu próprio vlog; as artistas *drags* se apropriaram do meio digital, como pontuou Rose de Melo Rocha:

Para além deles, no fluxo das transformações sociais promovidas pelas tecnologias digitais, as drags estão se apropriando do ambiente digital e se posicionando de uma maneira inédita: como produtoras de conteúdo, formatos e formas autorais e contribuindo, assim, para uma explosão midiática internacional da cultura drag (SANTOS, 2012 apud ROCHA, 2018, p. 9).

Por outro lado, Pablo cativou o público porque sempre seguiu a levada pop comercial da indústria, fazendo pouca ou quase nenhuma referência ao ativismo dentro de suas letras. Um dos seus “maiores” exemplos de manifestação é o clipe de “Indestrutível”, música bem diferente do seu estilo habitual e que carrega uma mensagem sobre aceitação. Gloria, por sua vez, desde o início ganha com essa habilidade de envolver os dois mundos na mesma dança. Ela fala dos memes, das gírias e do comportamento, mas também fala sobre sua origem, seu objetivo e se manifesta, vai de “Bumbum de Ouro” ao “Império” e procede.

São essas questões que iremos abordar no próximo tópico, o ativismo: como é feito dentro do dinamismo da cultura *drag* atual e o que isso representa quando exposto para o público *mainstream*.

ARTIVISMO E PERFORMANCE NA MÚSICA DRAG

As *drag queens* criaram raízes históricas dentro do contexto revolucionário e ativista no meio LGBTQ+. Foram elas que desafiaram as leis da época.

²³ É uma animação adulta do serviço de streaming Netflix onde 3 personagens levam uma vida dupla: são funcionárias de uma loja de departamento e drag queens super-heroínas.

²⁴ É um programa do canal E! Entertainment onde a cada episódio uma participante é convidada a se tornar *drag queen* por um dia.

É importante mencionar que, mesmo seguindo a onda do pop *mainstream*, cantoras como Pablllo e Gloria mantêm um papel fundamental dentro da comunidade LGBTQ+ que vai além da simples identificação com um grupo. Elas estão participando ativamente, dando voz ao movimento na luta contra o preconceito e tentando abrir um espaço importante para que novos artistas conquistem o mesmo sucesso. Essa forma de usar a arte como ferramenta política para conscientizar e amplificar tal discurso na sociedade é chamada de ativismo.

De uma forma ou outra eu estou dando voz pra essas três minorias que eu represento: o gay, que a gente sabe como isso é tratado e como a gente ainda é visto dentro do nosso país, principalmente; a drag queen, que é muito marginalizada; e o negro, que é muito inferiorizado ainda e hostilizado. Então, pra mim, é uma honra, por exemplo, subir no palco e mostrar pra qualquer gay, drag ou negro que é possível, sim, você fazer disso a melhor coisa que há em você. É possível que você leve isso a outro nível e pegue justamente aquilo que as pessoas dizem pra você que não é legal e faça disso a melhor coisa da sua vida. (GROOVE apud ROCHA, 2018).

Tanto Pablllo, quanto Gloria estão em uma posição única de destaque na mídia em que podem e devem lutar pelos direitos LGBTQ+. Porém Pablllo não tem um viés político tão forte quanto Gloria, podemos até dizer que, de certo modo, Pablllo se distancia desses protestos.

Nas performances de Pablllo e Gloria, percebemos que há uma afirmação de identidades drag, ainda que operem de maneiras distintas. Ao contrário de Pablllo, que aparece num corpo polido e apaziguado, convocando sentidos hegemônicos de feminilidade, Gloria Groove aparece de maneira mais direta e incisiva, apropriando-se das letras e dos videoclipes como instrumentos de disputa. Essas diferenças se relacionam com o fato de Pablllo Vittar se inserir na cultura pop e buscar uma posição mais clara no *mainstream* da indústria fonográfica, enquanto Gloria Groove se articula ao hip hop, que tem estratégias mercadológicas distintas do pop. As duas, entretanto, coincidem na opção de não guetizar seus corpos, e sim torná-los públicos, no sentido de serem vistos com mais amplitude, e não em espaços específicos (CARDOSO FILHO et al, 2018, p. 14).

Enquanto a carreira de Pablllo compõe-se por ações ativistas pontuais, a de Gloria é claramente estruturada em cima disso. Suas letras giram em torno disso, ela sempre se posicionou desde o início de sua carreira. Como pode-se ver na letra de “Império”:

[...]

Primeiramente graças a Deus tô viva!
Não dá pra saber o que vai acontecer
Quando cê vive nessa vida
Marginalizada, fraca, estagnada
[...]
Hmmm, e olha só como o jogo virou!
Do nada cê liga a TV
Nóis tá na Globo!
[...]
Viver no mundão, tá ligado que é caso sério
Dando a cara a tapa e às vezes sem ter critério
[...]

A falta de imposição da Pablllo pode explicar um pouco do seu sucesso dentro do *mainstream*. Enquanto Gloria brinca com a versatilidade de sua arte, fazendo questão de mostrar a pessoa por trás da *drag*, o homem cis gay, Pablllo está sempre montada em seus shows, clipes, etc. Claro que isso não diminui em nada a representatividade da Pablllo, mas apenas demonstra que seu jeito de lidar com sua persona *drag* é um favorecimento diante do público comum, que enxerga apenas uma mulher extravagante nos palcos e pouco se interessa pelo que está por trás de toda maquiagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou a expansão da cultura *drag* no Brasil através dos meios midiáticos. Por ser um assunto extenso, recortamos nossa fala em torno das duas *drag queens* cantoras mais popularizadas da atualidade, Pablllo Vittar e Gloria Groove. Encontramos estatísticas que comprovam o crescimento de ambas a partir da difusão da cultura *drag* no *mainstream*. Utilizamos as métricas do *Google*, além de analisar os perfis de cada cantora nos serviços de *streaming* e redes sociais.

Observando esses casos específicos percebemos que nossa sociedade ainda está engatinhando no entender de questões como gênero, sexualidade e expressão artística. A inconformidade com a quebra desses padrões ainda é muito grande e o público não consegue se desvencilhar do histórico brasileiro em relação ao transformismo. Em contrapartida, felizmente, percebemos que há um esforço midiático, engatilhado pelos movimentos LGBTQ+ e pelo público jovem, em expor novos artistas e interagir didaticamente com audiências dos mais variados tipos e idades.

É certo que as *drags* do Brasil são figuras fortes, já gravadas na nossa história e que estão elevando o nível performático a um patamar nunca visto por aqui antes. Cada passo dado por uma *drag* rumo ao sucesso representa um pouco mais da esperança que

temos de um país com mais amor e respeito aos demais. Ainda há um longo caminho para percorrer, mas podemos dizer que a estrada está sendo pavimentada com glitter e alegria.

REFERÊNCIAS

CARDOSO FILHO, Jorge; AZEVEDO, Rafael José; SANTOS, Thiago Emanuel Ferreira; MOTA JUNIOR, Edinaldo Araujo. Pablo Vittar, Gloria Groove e suas performances: fluxos audiovisuais e temporalidades na cultura pop. *Contracampo*, Niterói, v. 37, n. 03, pp. 81-105, dez. 2018/ mar. 2019.

DORNELAS, Luana. **Exposição "Dragcon Herstory", que mostra como esse movimento revolucionário tomou conta do Brasil, acontece durante o Milkshake Festival neste sábado (2)**. 2018. Disponível em: <<https://www.redbull.com/br-pt/exposicao-dragcon-herstory>>. Acesso em: 12 abril 2019.

FONSECA, Lucas. **Drag**: Corpo, Mídia e Afeto. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Espírito Santo. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Vitória, 2019.

INOCÊNCIO, Luana; MORAES, R. **E aí, let's get sickening!**: representatividade e produção de memes em comunidades digitais brasileiras a partir do consumo de RuPaul's Drag Race. *Dossiê Gênero e Indústria Criativa: produção, representação e consumo*. Ano 4, vol.6, n.1, julho/2018. Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/trama/article/view/5512/04>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

JOORY, Eva. **Drag queens surgiram em 90**. Folha de São Paulo, 1995. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/12/10/cotidiano/6.html>>. Acesso em: 12 abril 2019.

MUNIZ, Thiago. **Após recorde de audiência, 'RuPaul's Drag Race' é renovada para 11ª temporada pela VH1**. Disponível em: <<https://cinepop.com.br/apos-recorde-de-audiencia-rupauls-drag-race-e-renovada-para-11a-temporada-pela-vh1-177927>>. Acesso em: 12 abril 2019.

PINHONI, M.; REGADAS, T.; LIMA, T. **Drag queens**: a história da arte por trás de homens vestidos de mulher. G1, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/drag-queens-a-historia-da-arte-por-tras-de-homens-vestidos-de-mulher.ghtml>>. Acesso em: 12 abril 2019.

ROCHA, Rose Melo. **Remediação com purpurina: bricolagens tecnoestéticas no drag-artivismo de Gloria Groove**. INTERIN, v. 23, n. 1, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://seer.utp.br/index.php/i/article/view/613?fbclid=IwAR2goPYmQKgzfAg5J-hvd1ydkcI3m7wXwhrVKRULMRvMIXH62ag2EztK52A>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. **Femininos de montar - uma etnografia sobre experiências de gênero entre drag queens**. 237 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade

Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Natal, 2012.

SHIRKY, Clay. A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.